

# Um livro e seu autor

João Ribeiro Nogueira

O serviçal Correio trouxe, na semana finda, régio presente para este velho que, por influência em parte recebida, talvez, daquele avô - escravocrata conhecido no passado, em Caldas e depois em Casa Branca, pela sua energia no trato dos homens do eito, teima em parecer moço e forte, quando suas octogenárias pernas, ressentindo ainda a friagem das águas e dos brejos em que se metera para a garimpagem do diamante, não passam, no momento, de uns pobres molambos.

Esse presente, além de seu valor intrínseco - é uma obra de arte admirável, vazada em forma modelar - tem, para mim, especial de proceder de meu querido São José do Rio Pardo, a linda e heróica localidade a que estou ligado por tantos laços de afinidade e afeição, pois foi fundada, em meados do passado século, por parentes meus, dentre os quais o saudoso tio-avô coronel Antonio Marçal Nogueira de Barros. Sobracei para logo o exemplar com alegria e lhe iniciei afoitamente a leitura, matando a fome ardorosa que me devorava as vísceras do espírito a fim de me familiarizar, de me impregnar de um pouco de magia daquelas páginas em que viria nascer uma autêntica organização de escritor, de cronista lapidador da frase, de pintor de íntimas cenas as mais belas.

Com efeito, Márcio José Lauria, quando compõe, não desce ao baixo-astrol para buscar horrores com que sacudiria a emoção dos sensíveis, com que vestiria corriqueiros atos de dor e sangue, dando-lhes contornos artísticos. Gosta Márcio de trazer para a liça - e o faz com argúcia e delicadeza - conceitos que só elevam a discussão, transmitindo-lhe o bem-estar, a admiração enlevada que nem sempre nos proporcionam as obras ultimamente publicadas em língua portuguesa. Vi, em Márcio autor, muitas vezes, algo do descritivo claro de nosso Machado de Assis, e nalguns tópicos o raspar de fogo de folha de urtiga do infernal Eça de Queiroz, queiram ou não queiram um dos maiores, senão o maior, prosador de nossa raça.

Apraz-me registrar que também se vê e sente, em **Tempo de Memória**, muito da beleza comedida, suave, enternecedora de Richard Llewelyn, o burilador de **Como era Verde meu Vale**, que acabo de ler.

O livro do escritor riopardense - tenho certeza - vai ficar na história da literatura regional brasileira, a que emprestará o ensolarado vigor de um Guimarães Rosa e de um Euclides da Cunha, imortalizado pelos seus **A Margem da História e Os Sertões**.

Márcio, mãos à obra! Firme na estacada! Não, não deixe a pena! Para glória de seu torrão e de sua pátria!...

MP J.2.2.204  
"diário do Povo" 11-VII-1986